

O DR. DOMINGOS FREIRE

As conquistas civilisadoras do seculo impuzeram uma lei á sociedade, de harmonia com os aperfeiçoamentos humanos: não basta ter talento, é necessario tambem encaminhal-o utilmente. Tempos se foram em que tudo era permittido ás intelligencias fóra da craveira commum; hoje assim não acontece: as excentricidades no homem de talento quando muito são toleradas, os desvios do caminho do bem condemnados; para ser-se sabio não basta parecel-o; o ouro do silencio soffreu grande baixa de quilate.

No caminho da humanidade só os lutadores se impõem á admiração; o *struge for life* tornou-se o moto universal. Os que recuam desanimados diante das barreiras da vida, e desertam para os arraiaes da morte, já não são aquelles infelizes suicidas a quem a caridade dava a esmola de algumas lagrimas, não, a sociedade moderna chama-os rudemente — covardes—; e os mais severos exigem penas rigorosas para os que forem apanhados e in flagrante attentado contra a propria existencia.

Na grande galeria dos benemeritos o operario foi posto ao lado do sabio; á estatua de Newton enfrentou-se a de Stephenson, o labor nivelou-os. Tanto mais humilde é a origem da notabilidade quanto mais se lhe exalçam os meritos. Os modernos biographos só rendem preito ao trabalho; os mais bellos livros são publicados em honra dos trabalhadores; com justa razão Tissandier fez delles os seus heróes. Por toda parte acclamam-se e applaudem-se os Pasteur e os Lesseps, cada um na sua esphera de accção e relativamente ao *meio* em que vivem.

O laço confraternizador—o bem commum—une todos os sabios do universo; entre elles não ha grandes nem pequenos, e muito menos nobres e plebeus; na grande obra do aperfeiçoamento da humanidade todos são bem vindos. Tanto é credor de applausos o que lança ao embazamento pesadissimo monolitho, como o que o nivela com algumas pedrinhas; o que erige a columna bellamente talhada, como o que a enflora de capitel esplendido; todos trabalham, todos concorrem para o levantamento desse interminavel edificio que se chama—sciencia.

Alheios a essas lutas mesquinhas, puramente individuaes, e que não sahem dos estreitos circulos locaes, os operarios da civilisação têm sempre lugar para acolher generosa-

mente aquelles que levam-lhes ainda o mais pequenino contingente para a dilatação de suas impereciveis conquistas. E é por isso que se instituiram os congressos, e é para isso que cada vez mais se multiplicam os meios de manter a constante permuta de ideias.

As nações já não disputam a primazia das descobertas, venham ellas donde vierem; o que se quer é que a sciencia progrida em bem da humanidade.

Agora mesmo não vemos os Estados-Unidos dar a presidencia de

um congresso ao brasileiro Domingos Freire, e Paris preparar um dos seus grandes laboratorios para que o nosso compatriota alli confirme o resultado de suas experiencias?

Que importa á sciencia saber donde lhe vai Domingos Freire, nem tão pouco conhecer a sua origem nem os seus precedentes; o que quer, sim, é que lhe preste contas de seus estudos e de suas investigações. E se disso lhe advir algum adiantamento, alguma nova conquista, o nome do novo sabio



DR. DOMINGOS FREIRE

passará ao catalogo universal; Domingos Freire deixará de ser nosso compatriota para sel-o da humanidade.

No momento em que elle vai jogar tão arriscada partida, na qual ou terá de naufragar com applauso de seus crueis adversarios, ou de cobrir-se de gloria para maior desespero destes, é que tanto me apraz lançar um olhar retrospectivo para a carreira brilhante deste batalhador, em todo caso sempre illustre para a sua patria, e admirar essa coragem nunca desmentida, esse indefeso amor pelo estudo, essa exemplar disposição para o trabalho, com que caminhou sempre desde o banco escolar até a cadeira do professor.

Filho de um obscuro mestre-escola do arrabalde de S. Christovão, Domingos José Freire, com o auxilio unico da sua força de vontade, emergio das sombras a que o havia condemnado a pobreza e condição paternas, e bem moço ainda attrahio a attenção dos mestres, conquistando ao mesmo tempo a admiração dos condiscipulos.

E desde o dia em qua recebeu o gráo scientifico, com tanto brilhantismo, pôde-se dizer que para elle não houve mais treguas; empenhou uma luta de todos os dias, de todas as horas. Quando á sombra dos louros colhidos ia gozar um momento de descanso, adversarios implacaveis agrediam-n'o, suppondo-o talvez despercebido; — mas, sem olvidar o decasyllabo do grande epico, o combatente jámais achou-se em condição do—não cuidei. Cuidava sempre em manter a sua reputação illesa, e até agora a tem mantido a despeito do silencio, que, como arma de uma guerra covarde, se lhe faz ás vezes em torno do nome.

Basta ler o extenso catalogo de suas obras publicadas, para se avaliar o trabalho herculeo dessa organização excepcional; nada menos de 64 opusculos e volumes tem sahido dos prelos com seu nome, avulsos uns, appensos a revistas outros, este em francez, aquelle em portuguez, mas todos escriptos por seu proprio punho.

E quando se considera que a maior parte desses trabalhos dependeram de aturados estudos e numerosas experiencias, e que tudo isso se entremeiava com as lides de clinico e as lições do professor, sobe de ponto a admiração por esse produzir, que parece superior á absorpção de todas as horas de uma vida por mais regular que seja.

E' assim que o homem conscio do seu proprio merito responde ás invectivas da inveja e da maledicencia; é assim que não se apparenta de sabio, mas demonstra-se que se estuda e trabalha; é assim finalmente que se

póde dizer aos mais incredulos:—ahi tendes o que tenho feito; analysai e provai que tudo isso nada vale.

A inveja mordica á socapa, a maledicencia regouga, mas ninguem se aventura a vir a publico negar a luz do sol; contentam-se apenas em dizer que tem manchas, julgando com isso impedir que elle brilhe com maximo fulgor.

Um dia, por um espirito de classe mal entendido, o Dr. Domingos Freire foi desclassificado em um concurso da materia em que é professor emerito da Faculdade de Medicina, e um *sabio official* tentou amesquinhal-o, agredindo-o baixamente pela imprensa. Esse dia foi o da sua maior gloria: a mocidade, os estudantes de medicina, tomaram a si a desaffronta, e nunca professor algum entre nós recebeu tão brilhante, tão esplendida e tão justa manifestação do mais sincero apreço.

Só laurel tão fragrante e bello poderia desannuiar a frente do illustre chimico brasileiro; era bem funda a magoa, se assim não fôra, talvez nunca de todo se lhe apagasse da lembrança.

Como esse não lhe tem faltado outros sabores; mas, verdadeiro combatente do seculo, Domingos Freire, longe de desanimar, retempera-se nesses revezes; quanto mais tentam derribal-o, mais fortemente caminha elle pcr esse terreno que com suas proprias mãos desbravou, e que ha de achanal-o com sua inquebrantavel perseverança.

Caminha sempre, desajudado e só que importa! mas caminha, porque tem certeza de que ha de chegar ao termo da viagem, ha de passar por entre alas respeitadas de admiração e tomar o logar que lhe compete entre as verdadeiras illustrações do seu tempo.

O Dr. Domingos José Freire pertence á pleiade daquelles que, como Tissandier, colloquei na galeria dos meus heróes, para os quaes tenho mais que admiração, tenho entusiasmo, e que com o tempo irei apresentando nestas paginas, sem ordem, sem nexo, mas com essa expontaneidade que têm aquelles que, como eu, conscios de suas poucas forças, não podem ter invejas: admiram e applaudem os homens menos pelo que são na apparencia do que pelo que valem na realidade.

FELIX FERREIRA.



O TUMULO DE UMA CRIANÇA

NO ALTO DA SERRA DE THERESOPOLIS

Succumbindo escorchada pela variola purulenta, a pobre criança não sabia, nem lhe era dado comprehender, como de querida e amimada até então ia ser repellida e desprezada.

Ella, a pobresinha, cujas forças chegavam apenas para desfolhar uma flor, passava a tornar-se um objecto de pavor e asco; sómente porque de um mal que não era culpada fôra victima inconsciente e imbelle.

Nunca alli se dera nenhum caso dessa terrivel enfermidade; sabia-se que lavrava com grande intensidade na côrte, o que não admirava aos moradores das formosas veigas, pois conscios da pureza dos costumes que entre elles reinava, e da inocuidade da atmosphera que respiravam, estavam certos de que nunca os iria polluir essa asquerosa enfermidade, só propria dos grandes centros, onde, com o progredir da civilisação, progredem tambem os vicios e as torpezas.

Mas um dia a formosa criança, que brincava descuidosa á sombra do lar querido, foi acommettida de violenta febre, o mal declarou-se francamente, a pobresinha enlangueceu qual *suspiro da noite* ao despontar do dia, e, como esta dourada flor succumbe aos ardentés beijos dos raios do sol evolando aos espaços a vida breve em uma onda de perfume, assim a debil criança desprende dos liames terrenos a almasinha não menos perfumosa, para abrigar-se ao quente seio divino.

Como a borboleta multicolor e fugidia que abandonando a escamosa vestimenta com que rasteja pela terra, vai iriar a dourada luz da tarde a rutilante gaza do chromo aveludado de suas azas, assim a criança desprendendo o vô de anjo em demanda da celestial mansão, deixou no berco os informes destroços da tunica inconsutil que a prendêra ás miserias da vida.

Diante dos restos inanimados gottejando pús, da face entumescida e do olhar inexpressivo da pobre criança, recuaram todos cheios de horror, e por uma dessas superstições que se apodera, ás vezes, dos espiritos mais fortes quando incultos, entendeu todo o povoado que terrivel castigo de Deos se manifestava nessa morte; que amaldiçoados eram aquelles restos mortaes e que consequentemente devia ser-lhe negada sepultura em sagrado, tanto mais quando a criança morrêra sem baptismo.

Debalde a afflicta mãi estendeu os braços supplices e vergou a fronte humilde, como

se de grande crime fôra culpada; em vão correram-lhe lagrimas de sangue e gemeu-lhe agonisante o coração dorido, o povo cada vez mais convicto exigia que a criança fosse atirada fóra como um cão leproso. Mão mercenaria e indifferente sepultou-a no alto da serra, á mercê das evoluções do tempo.

Entre hervaçoes incultos de espessura brava escondeu-se aos olhos da vida aquelles destroços da morte. Uma tosca cruz foi alli posta, menos para sagração do lugar que para assignalar ao viandante a passagem onde, é tradição, que vaga á noite gemebunda a almasinha da bexiguenta.

Menos cruel que a humanidade, a natureza fez brotar da sepultura um pé de maravilhas, que quando coberta de flores semelhava um bando de borboletas de côres vivas esmaltando aquelle cantosinho da terra.

Tudo em torno é agreste e silente; mais acima conglobam-se as nuvens, dilatam-se os horisontes, e pela encosta desdobram-se paizagens de variiegadas nuanças. Quando o sol surge pela manhã illumina de intensa luz aquellas alturas, e quando desce á tarde envolve todo esse bello scenario em uma atmosphera dourada e quente de tons magicos.

Foi por alli, passando um dia descuidoso, que ao nosso artista Ribeiro deparou-se-lhe aquella cruz, e tão poetico pareceu-lhe o tumulo e tão triste a historia da innocente victima, que em seu *carpet* de turista bosquejou a paizagem que damos em outro lugar deste numero.

A' simples vista reconhece-se logo um *croquis* de occasião, uma lembrança de artista em seu livro de apontamentos; é como tal que o damos e sem pretensões do autor que tem bastante talento para commettimentos mais altos; nestas mesmas paginas terá elle occasião de o comprovar e breve.

F. F.



A provincia de Mato Grosso representa na carta do imperio uma area de terreno correspondente a 50.000 leguas quadradas; cerca de dez vezes mais que o territorio portuguez no continente.

Por occasião do recenseamento geral do Brazil, apuraram-se apenas 53.750 individuos de ambos os sexos, de todas as idades e condições, isto é, cerca de um individuo para cada légua quadrada.



FAUNA BRAZILEIRA

O Tamanduá bandeira

Du Climats, Geologie, Faune et Geographie Botanique du Brésil par Emmanuel Liais — Paris, Garnier Frères, 1872 — 4 gr. VIII — 640 pags.

O Tamanduá pertence á terceira familia da ordem dos desdentados peculiares da America do Sul, chamada communmente *Papa-formigas*, o *Myrmecophaga*, de Linneu. E compõe-se essa familia de tres unicas especies:

1.ª O Tamanduá de Buffon ou *Myrmecophaga jubata* de Linneu, que é justamente o Tamanduá bandeira, da nossa gravura. Como se sabe, Tamanduá é palavra indigena, que com maior ou menor alteração graphica e phonetica passou ao dominio das linguas cultas modernas; bandeira foi-lhe acrescentado pelos portuguezes para distinguir a especie em razão da fórma graciosa e fluctuante da sedosa cauda e corresponde talvez ao *guarani* ou *urami* da lingua guarany.

2.ª *Tamanduá-cavillo*, *Fourmilier* (Papa-formigas) de Buffon, *Myrmecophaga tetractyla* de Linneu.

3.ª O Tamanduá-mirim; adjectivo este que entre os indigenas serve para distinguir a especie, é o *Myrmecophaga didactyla* de Linneu; o *Myrmecophaga-tamanduá* de Desmarest, e ainda indistinctamente o Tamanduá de Buffon.

Alguns naturalistas, entre outros Cuvier, designam quatro especies, sendo a ultima o Tamanduá preto, cõr esta, porém, que Liais affirma depender unicamente da idade do animal. Tambem nos individuos da terceira especie nota-se em uns uma linha ruiva sobre o dorso e em outros completa ausencia desse distinctivo, o que levou Saint Hilaire a consideral-os como duas especies distinctas que se achavam confundidas, e denominar aos desprovidos da lista *Myrmecophaga incolor*.

Os Tamanduás são notaveis pelo estado rudimentar da mandibula inferior, que é muito delgada e apenas movel, bem como pela ausencia das arcadas zygomaticas, e o que assignala o genero, é a falta absoluta de dentes. O focinho é alongado, de fórma tubular, e a lingua muito comprida, cylindrica e excessivamente contractil. E' com auxilio desse orgão que o animal busca o alimento, o qual consiste em formigas, principalmente quando em estado de larvas e em mel. Arrombando com a ponta do focinho o formigueiro e nelle introduzindo a lingua que é viscosa, espera que as larvas e formigas nella se aglomerem para devoral-as sem mastigar.

O corpo do Tamanduá é alongado, coberto de pello e não de casco, como o seu congenero o *Pangolin* do antigo continente, ou o nosso Tatú.

A cauda é muito comprida, os olhos e as orelhas pequenas e estas de fórmas arredondadas. Os pés são pesados, providos de unhas robustas e os dedos unidos até a base das unhas. Os ossos do nariz occupam quasi metade do comprimento da parte superior da cabeça, e as narinas são providas de duas grandes cellulas olfactivas de cada lado; ou por por outra o lobulo olfactivo e respectivos nervos têm extraordinario desenvolvimento. O *didactilo* tem fortes clavículas, o que nas outras especies é menos resistentemente confirmadas.

Uma outra particularidade muito notavel entre os Tamanduás consiste na disposição das phalanges ungueaes ou unhas nos membros anteriores; são dispostas coma as da *Preguiça*, contraem curvando-se

para baixo. As unhas são embutidas em fortes bainhas osseas. São muito possantes, mas menos, no entanto, nos membros posteriores que nos anteriores. O andar é muito lento, acarretando terra na borda externa dos pés, e então, andando, as unhas se curvam para dentro apoiando-se em uma larga calosidade do punho.

O Tamanduá bandeira, segundo a nossa estampa, que como já dissemos é o *Myrmecophaga jubata* de Linneu, é um bello animal, sobretudo pelo largo e sedoso penacho da arqueada cauda. Notado por Dampier na sua viagem em torno do mundo, em razão da cor do pello foi chamado por esse navegante *urso que vive de formigas*. O pello é longo em todo o corpo e principalmente na linha dorsal, onde forma uma especie de crina, nos flancos, coixas posteriores e a cauda; esta não se enleia, nem se prende nos ramos como os das outras especies, é porem muito comprida, de pello longo escuro, anelado de preto e branco, formando um soberbo penacho que o animal conserva, às vezes elevado, mas quasi sempre de rastos pela terra; quando dorme ou chove, serve-se da cauda como de um chapéo, ou manto, cobre-se com ella.

O Tamanduá bandeira é relativamente grande, o comprimento da ponta do focinho á origem da cauda é de 1^m,20, pôde mesino ir além e medir 1^m,40. Neste caso com a cauda estendida horizontalmente, o animal tem cerca de 2^m,50 de comprimento total da ponta do focinho ao extremo da cauda. A cõr geral desta especie é cinzenta nas partes superiores e trigueira carregada nos flancos. Uma fita preta bordada de branco, começa de cada lado do peito, passa pela espadua e dirige-se para os lombos, onde acaba depois de ter diminuido sensivelmente de largura. As pernas dianteiras são de cõr cinzenta mesclada de trigueiro com duas manchas pre-

tas, uma nos dedos e outra no tarso. As pernas trazeiras são de um trigueiro bastante carregado, quasi preto. O baixo ventre dissimulado pelos longos pellos dos flancos, é cinzento.

O Tamanduá bandeira habita toda a extensão do Brazil, as Goyanas e mesmo até o Perú. Encontra-se tambem no Paraguay, mas mui raramente. Não trepanas arvores como os das duas especies do genero, que para isso são munidas de unhas mais aguçadas. Domestica-se facilmente, e então nutre-se de migalhas de pão e mesmo de carne desfiada, que amassa primeiramente com a lingua para deglutil-a; familiarisa-se docilmente soboreando com prazer o mel e substancias assucaradas.

O Tamanduá bandeira, finalmente, é um animal inteiramente inoffensivo, e com razão lamenta Liais que a guerra dos caçadores destrua e aniquile sem piedade esta bella raça da nossa fauna; tanto mais, diz esse illustre autor que estamos seguindo neste artigo, que no Brazil os formigueiros são inumeros e as formigas uma praga.

Quando o Tamanduá é atacado pelos cães, sabe muito bem defender-se, firmando-se sobre os pés, apurmando-se e enterrando as suas possantes unhas nas carnes inimigas. Não ataca porém nenhum animal ainda mesmo de inferior especie, limita-se á defesa e a colher formigas para o seu sustento. Quando se defende porém, pôde tornar-se perigoso, pois se



TAMANDUÁ BANDEIRA

consegue agarrar o inimigo deita-se com elle e aperta-o valentemente entre os braços até suffocal-o, cravando-lhe ao mesmo tempo nas carnes as terríveis unhas. E' de vida tenaz, não morre facilmente, salvo se receba uma pancada no nariz, particularidade esta que também tem o *Tamandua-mirim*.

Quando perseguido corre e bem, atravessa facilmente os rios a nadar. A femêa só tem de cada vez, um filho, que carrega às costas, proximo à nuca. O couro é muito resistente, emprega-se vantajosamente como capa de sellins e mesmo em sapatos. A carne é boa e estimada pelos nossos caçadores. E' notavel a irratibilidade muscular deste animal depois de morto.

Desta mesma especie ha uma variante, hoje muito rara, é inteiramente preta e de menor corpulencia.

Não terminaremos esta pallida noticia, sem addicionar-lhe uma anecdota que parece-nos ser de cunho inteiramente nacional, e por conseguinte interessar a collectanea dos nossos contos, lendas e tradições populares.

Um rapaz muito mentiroso querendo dar um passeio á Europa, preveniu-se de um criado fiel a quem secretamente deu a incumbencia de dvertil-o quando o visse cahir em excessos ridiculos da mentira; puxando-lhe para isso nas occasiões criticas a aba do paletó.

A' bordo, reunidos no tombadilho, aconteceu acertar a conversa em cousas de caça, e cada um por sua

vez narrou uma proeza ou particularidade de certas especies da nossa fauna. Chegado o momento do nosso heroe, affirmou elle ter matado um *Tamandua bandeira* com uma cauda de seis metros.

O criado puchou-lhe o casaco.

— Seis, não digo bem, emendou elle, mas... cinco.

Novo signal.

— Cinco metros! exclamaram alguns dos incredulos.

— Cinco, não, mas..

Ia a dizer quatro, quando nova advertencia o fez emendar:

— Tres metros.

— Tres?! repetiram ainda pasmos.

— Sim tres... tres ou dous metros e cincoenta...

O criado sacudiu-lhe ainda valentemente o paletó; o amo porém desta vez voltando-se para elle irado exclamou:

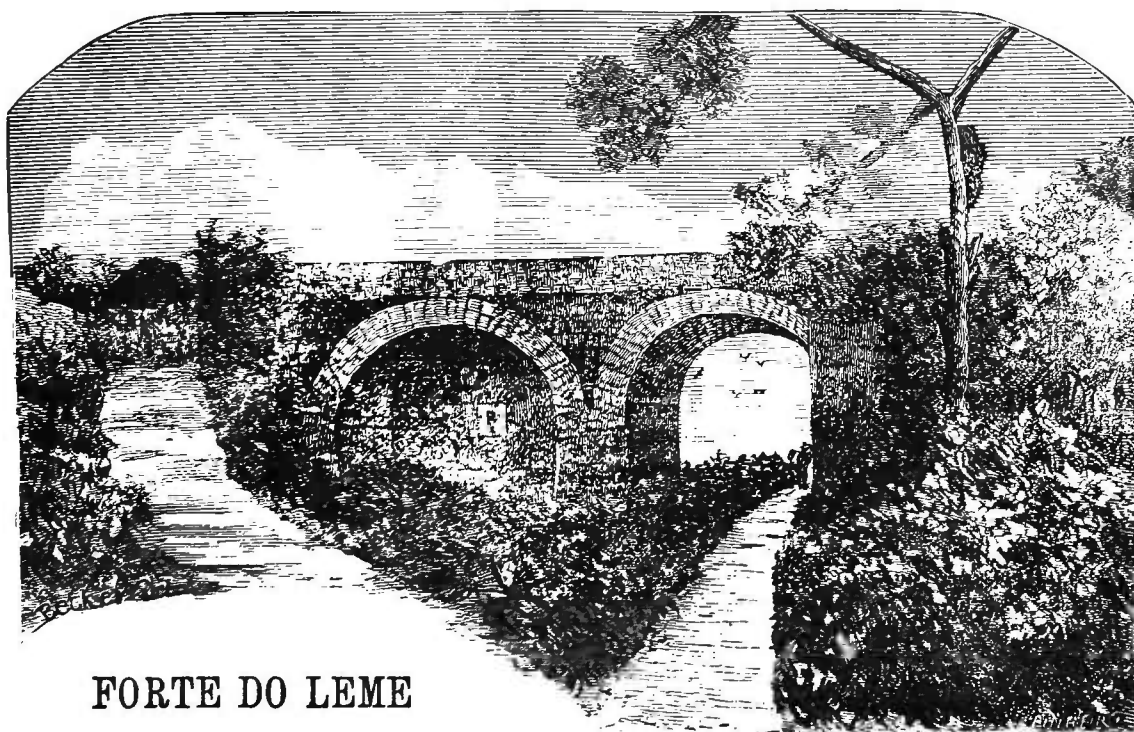
— Se te parece deixa-me sem rabo o meu *Tamandua!*

E' também popular, em referencia a um discurso muito extenso ou questão tratada com extrema minudencia, dizer-se:

— Que *Tamandua!*

Dirá o outro tanto leitor de tudo isto?

F. F.



FORTE DO LEME

As discordias entre hespanhoes e portuguezes fizeram-se sentir immenso no Brazil nos seculos XVII e XVIII.

As invasões á colonia do Sacramento em 1687, 1704, 1735 e 1762, e as mais recentes do Rio Grande do Sul em 1775 e Santa Catharina em 1777, fizeram com que o Rio de Janeiro fosse-se fortificando progressivamente com o temor de uma invasão.

Foi em 1778 que se começou o forte do Leme, governando o Brazil na qualidade de vice-rei D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Mello Silva Mascarenhas, Marquez do Lavradio.

Entre os governadores deste forte, o que mais se distinguio foi o sargento-mór Luiz

Sotero da Costa, que o governava ainda em 1799.

Pouco a pouco, porém, foi sendo abandonado, sendo a sua guarnição reduzida pelo decreto de 2 de Dezembro de 1831 a um cabo e dous soldados, e o decreto de 1 de Março de 1832 supprimio-lhe o almoxarife; pouco depois foi cahindo em ruinas, bem como a casa que servia de quartel ao destacamento, que nem vestigios restam já.

Nas suas proximidades acham-se enterrados pelo mato alguns velhos canhões de bronze, e a apparencia actual do forte do Leme é mais de um aqueducto do que de uma fortificação.

TOBIAS BECKER.

PHYSIONOMIAS FLUMINENSES

QUININHA

Entre os trabalhos de observação a que consagrei-me na mocidade, nenhum deu-me tanta volta ao miolo como a mulher; mas a mulher pura, ingenua, bem ingenua, com o coração immaculado, que nunca tivesse amado e fôsse eu o objecto do seu primeiro amor.

Era o meu ideal.

E, comquanto as fluminenses sejam—por indole—excessivamente voluveis, desvaneco-me de ter encontrado o meu ideal. A Quininha, por exemplo.

Eu conto.

Não me gabo de conhecer as mulheres; inversamente, dignando-se Deos conceder-me uma existencia tão longa como a do papá Mathusalém, e mais perspicacia do que a qualquer Lavater, irei caminho do Cajú sem ter chegado a comprehender essas de-beis e ao mesmo tempo fortes creaturinhas, que trazem estampadas no semblante—a um tempo—a innocencia e a perversidade—o céu e o inferno.

A mulher, no meu humilde pensar, é um *x*,—um problema, cuja solução cabe mais facilmente ao tolo que ao esperto.

E já o explico.

Lembro-me ainda. Era eu estudante. Morava na rua Formosa, n'um modesto sobradinho, do lado esquerdo. Atravessavamos um verão ardentissimo. Chovêra; mas, não tendo a trovoada, que precedêra á chuva, diminuido de muito o calor, as fluminenses procuravam á janella um lenitivo áquelle rigor. Em cada janella, uma moça; cada moça, cada ventarola.

Eu, tão mortal como os demais, abri tambem as vidraças, e empolerei-me na sacada.

Defronte, mas um pouco para o lado, ficavam as janellas de uma casa pintada de tão viva côr, que alegrava a vista. A um canto, recostada ao portal, *crochetava* uma moça. Comquanto não pudesse bem distinguir os traços, porque tinha o rosto abaixado, o instincto, e essa prática que a malicia nos proporciona, revelaram-me uma dessas bellezas que, se não matam de assombro, enchem a boca d'agoa.

Trajava vestido de lanzuk branco, todo enfeitadinho de rendas e entremeios, que se cruzavam em varios sentidos, e uns laçarotes, o que tudo dava-lhe assim a

apparencia de fronha de noivado ou toalha de altar. Mas, estava bonita, estava.

Emendarei a mão—estava linda. Os cabellos,—ó céos! negros como o collo do corvo!

Os olhos... duas grumixamas! E o nariz? a fronte altiva? O pé... bispei-lhe agora o pésinho através o rendilhado da grade... E' um pé chinês!

O dito por não dito: a moça é simplesmente fascinadora.

Deve ser muito inclinada ás paixões: a dona daquelles olhos não pôde ser desenxabida.

Com licença. Faço reticencias ao entusiasmo, e não prosigo nas minhas reflexões philosophico-observadoras, porque o vento, que seguio-se á tempestade, obriga-me a cerrar por um pouquinho a janella. Não obstante, a faceira conserva-se á sacada desafiando os elementos.

Da parte de dentro, continúo a vê-la pela vidraça. Pude olhal-a agora, bem de frente. Ai, não é já um anjo,—é uma visão!

E, reatando o fio das minhas reflexões, accrescentei:

—Será esse o meu ideal?! Se o seu coração estivesse ainda virgem de estranhos affectos, e su'alma candida como a de uma criança! Sinto-me capaz de amal-a... Mas, agora observo: está impaciente... não cessa de entrar e sair... e tão depressa apparece n'uma janella como n'outra... Debruça-se tanto que a linda rosa, mal prêsa ao cabello, quasi saltou á calçada. Foi buscar o cachorrinho felpudo, que tortura entre as mãos... Finge catal-o... ergue-o ao pescoço... acarinha-o...

Quem me dera ser aquelle cãosinho! Se ella o amasse?... Não, não é possível. Mas, a soffreguidão continúa. Todos seus movimentos são de uma viveza admiravel. Sorrio-se. Para quem? Procuro acompanhar o fio do seu olhar...

Horror! é o boticario que se diverte telegraphando para ella. Estão vendo? leva a mão ao peito... e do lado esquerdo... E' onde se aloja o coração! Aquelle boticario parece saber mais anatomia do que preparar cataplasmas...

Têmol-a travada. Ella, desconfiando que a' espreito, olha-me de soslaio. Elle disfarça, torcendo entre os dedos umas pilulas de quinino.

Fui interrompido por um toque de corneta. Era uma columna de infantaria, que ia em marcha dobrada.

Ao passar por baixo das nossas janellas, notei que a moça não tirava os olhos da calçada opposta. Abri a janella; reconheci-o: era um rapaz empregado no Thesouro. Dobrando a rua, saudou-a com o lenço; ella devolveu-lhe o cumprimento com graça e fauceirismo.

— Perfida! E eu que julgava o seu coração puro e immaculado como o arminho.

Bateram à porta.

Neste entretempo, sem que me apercebesse da sua entrada, tão desapontado estava, sacode-me o hombro o Magalhães, que fazia-se de vela para a Escola.

— Por aqui!

— Gósto muito desta rua.

— Devéras!

— E mais ainda daquella *pequena*. E' uma tetéa! Faço uma enorme viagem para vê-la. Imagina que venho de Catumby, a pé.

— Quem lucra com isso é o teu sapateiro.

— Pareces-me de máo humor...

— Assim, assim.

— Adeus!

— Adeus!

E sahio. Tornei a ficar só.

— Ai, mulheres! mulheres!!

E abundei nestas observações philosophicas:

Quando vejo a minha linda vizinha, tão vigiada pela familia, e não obstante trazendo pelo queixo a tanta gente, lembro-me daquella dama das *Mil e uma noites*, encerrada em uma grande caixa de crystal, por um genio maligno, com quatro fechaduras de fino bronze.

Apresentando-a certo feiticeiro a dous principes, emquanto o genio dormia, disse-lhes:

— *Esta moça, que aqui vêdes, apesar de toda a vigilancia e precaução deste medonho genio, tem tido mais de cem amantes. Por mais que a feche em caixas de crystal, e as guarde no fundo do mar, nem assim deixa de illudir a sua vigilancia.*

Tanto importa como dizer que, quando a mulher fórma um projecto, ninguem é capaz de estorval-a em sua execução.

Desta verdade deve estar plenamente convencida a minha vizinha. Como a dama do conto arabe, vive encerrada, não em caixa de crystal a quatro chaves, mas entre as quatro paredes de sua casa. Ella, do mesmo modo que a dama da historia de fadas, é guardada constantemente, não por um genio feio, mas pela feia mamãi... de *genio* igualmente *medonho*.

E, não obstante, ella—a moça—como a da lenda—ha de ter tambem uma fada, não de feitiços, mas de azeviche, a qual leve e traga bilhetes amorosos aos *principes* da moda, que os ha por aqui á granel.

Apezar de tudo, aquella moça é apreciabilissima. Tem encantos, é moça, bonita, linda mesmo, interessante, talvez prendada, pura...

Pura?

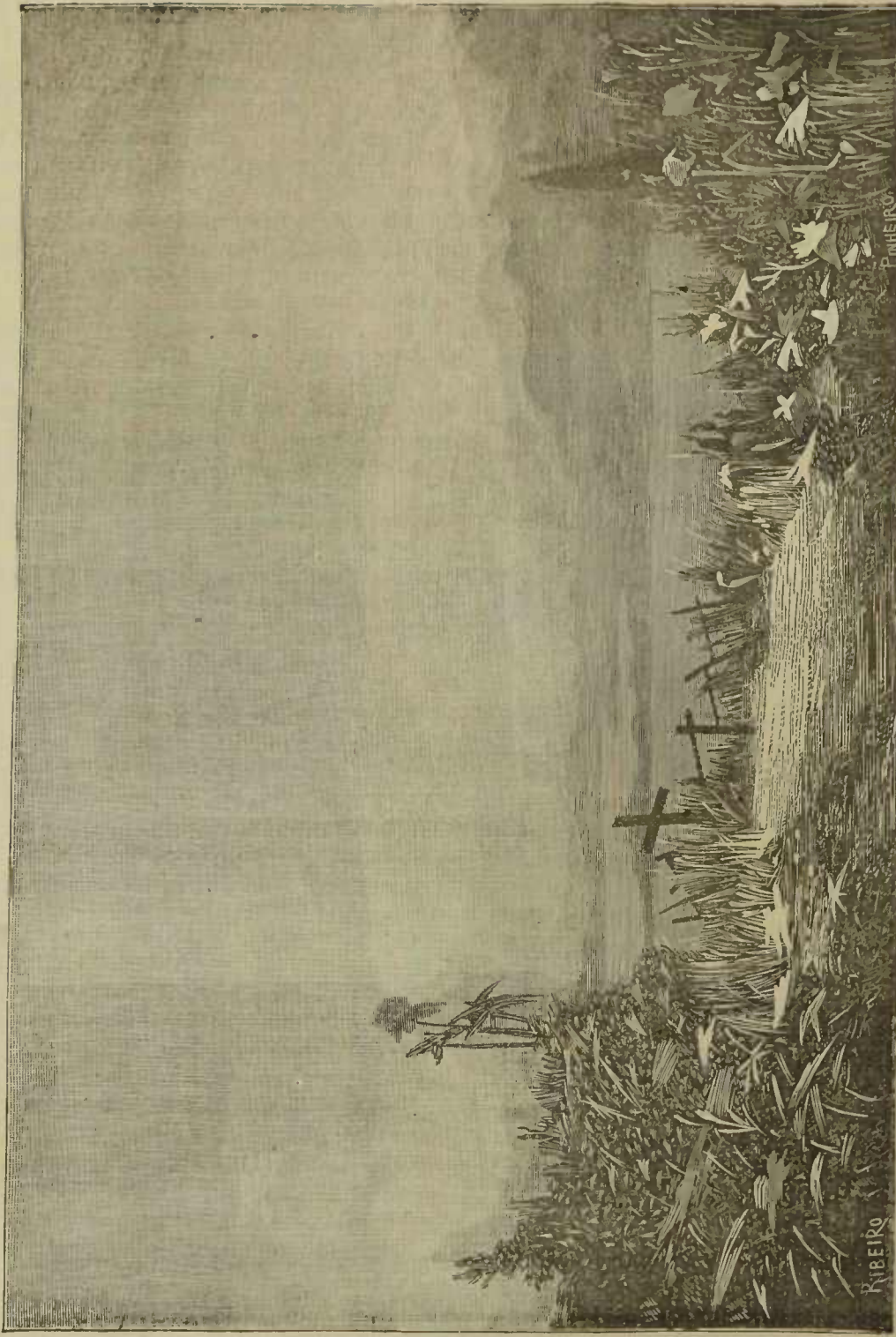
Não sei. O pensamento deve ter-lhe inundado o coração de amores; e se o pensamento não corrompe a carne, corrompe não obstante a alma. Oh, mas n'um seculo tão material como este, o pensamento e a alma entram por nonada nestas cousas.

Mas, o que tem a encantadora vizinha que tanto olha para aquelle lado?

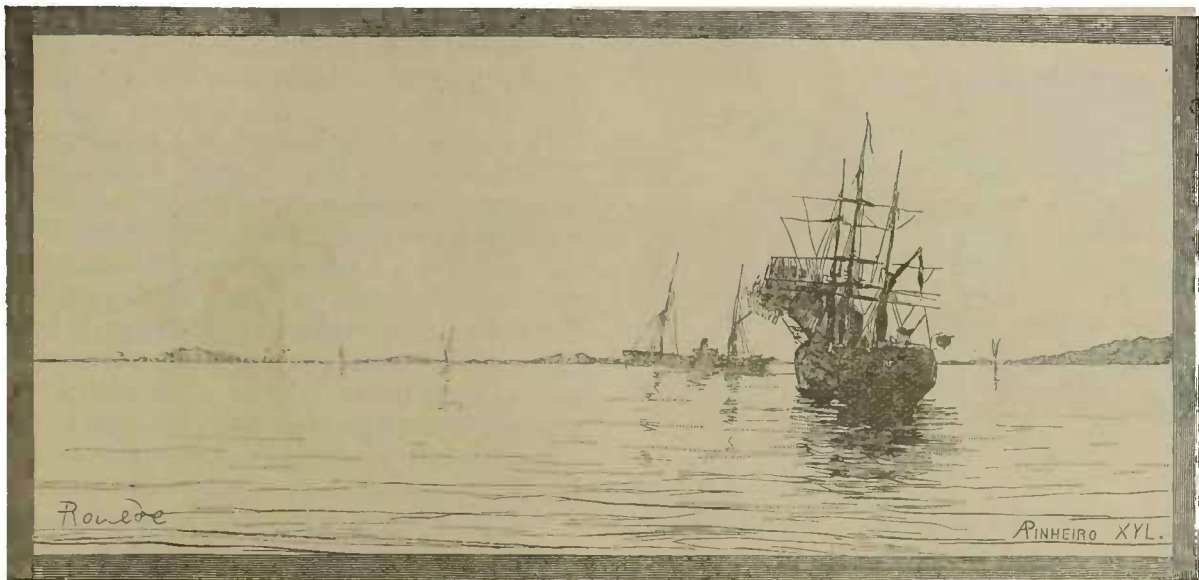
Ai, o boticario! o boticario outra vez! Quem te dera, meu basbaque, um visicatorio na nuca... e outro em mim, por andar em busca de moças que nunca tivessem *gostado* de ninguem.

PIRES DE ALMEIDA.





O TUMULO DE UMA CRIANÇA, FAIZAGEM DE RIBEIRO



MARINHA, DE ROUÉDE

PARQUE DA ACCLAMAÇÃO

Damos neste numero a primeira de uma serie de vistas do *parque da Acclamação*, desenhada expressamente para o *Brazil Illustrado*, reservando-nos para mais de espaço tratar minuciosamente deste bello monumento que tanto honra a cidade do Rio de Janeiro, que com elle se embelleza, como aos Srs. conselheiro João Alfredo,

que ordenou, e ao Sr. commendador Glaziou que delineou e executou tão primorosa obra de arte, cujo principal elemento é a soberba flora brasileira.

Trabalho de tanta magnitude pede estudo aturado e minuciosa descripção; é o que em tempo, promettemos, desde já fazer dentro dos nossos limitados recursos.



PARQUE DA ACCLAMAÇÃO



Auspicioso foi por certo o começo deste anno para as bellas-artes; logo em seus primeiros dias, a directoria do Gabinete Portuguez de Leitura convidou os respectivos accionistas e representantes da imprensa a fazerem uma visita ás obras do monumental edificio dessa utilissima instituição; e os jornaes dando conta da visita teceram justos louvores áquelles que, com uma perseverança digna de servir de exemplo, iniciaram e têm levado por diante tão bella empreza.

Lembrou-se por essa occasião a necessidade de formar-se uma praça diante do formoso edificio, o que equivale a pedir-se o mutilamento da Escola Polytechnica. Não é este edificio por certo nenhuma obra de arte, e a parte que deve ser cercada para a praça talvez se limite á occupada por um telheiro que abriga a machina a vapor das aulas praticas; mas tambem não é menos certo que com esse córte ficaria escantilhado um magnifico terreno onde um dia se poderá fazer um monumento publico de muito maior valor que o do Gabinete.

Si se tencionava levantar uma construcção de cunho artistico como é incontestavelmente a do Gabinete, porque não se procurou melhor localidade, quando até a ultima hora, ao lançar-se a pedra fundamental, em 1882, ainda se poderia obter terreno mais bem localizado, como, por exemplo, na praça da Constituição, onde hoje se acha o theatrinho do Príncipe Imperial? Não é hoje que se reconhece o erro que deve ser remediado á custa da regularidade de uma propriedade do Estado.

Razão não menos ponderavel para não aceitação de semelhante alvitre, nos parece a da importancia do monumento artisticamente considerado: é um bello edificio, vistoso e principalmente attrahente pela pouca vulgaridade entre nós do estylo

gothico, ainda mesmo abastardado; mas não é esse. como já se disse, o unico monumento que actualmente existe na capital do imperio.

O edificio do Gabinete não representa os adiantamentos da arte pela fórmula, nem o seu estylo symbolisa as conquistas da sciencia, cujos productos alli serão archivados em estantes de ferro. A architectura gothica ou ogival, nacionalisada na Lombardia sob a denominação de lombarda, na Inglaterra de izabelina e em Portugal de manoelina, não se presta senão á grandes massas. Em edificios pequenos, como o do Gabinete, não tem harmonia na relatividade das partes componentes; basta comparar-se a saliencia das pilastras e rudeza dos respectivos embazamentos com os rendilhados dos sobre-nichos e columnatas das ogivas, para se reconhecer esta verdade.

A ideia de applicar estylo tão grandioso a construcção tão diminuta, e ainda para maior mal nas proximidades de duas massas graniticas como são o Theatro de S. Pedro e a Escola Polytechnica, sempre me pareceu infeliz.

A architectura, antes de tudo, é a expressão das ideias do tempo em que se levanta o monumento; ora, nem o Gabinete, de estylo manoelino, nem a Imprensa Nacional, do izabelino, traduzem o que somos e o que pensamos no fim do século XIX.

* *

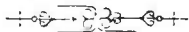
Não póde o *Brazil Illustrado* ter senão expressões da mais profunda gratidão, pela gentileza com que foi acolhido por toda a imprensa diaria, mas com pezar vimos que a face artistica da publicação foi em geral tomada como cousa secundaria, talvez mesmo sem importancia. Sómente o *Jornal do Commercio* e o *Paiz* alguma cousa disseram a respeito, sem fallar no *Rio de Janeiro*, cujo redactor chefe só teve flores para lançar ao berço do recém-nascido.

A *Gazeta de Noticias* limitou-se a summariar o prospecto, o que muito é para admirar quando o seu principal redactor é reconhecidamente um grande amator de bellas-artes. A *Gazeta da Tarde* nem tanto fez, apesar de ser actualmente o seu chefe de redacção um dos novos e mais esperançados vereadores do municipio neutro.

Dirão talvez que é por demais modesto o commettimento para merecer a attenção dos dous illustres jornalistas; mas, observo de antemão, que não se medem taes emprezas senão pelo meio em que nascem.

Na França ou nos Estados-Unidos o *Brazil Illustrado* nada representaria; entre nós, porém, assim não acontece, pois como bem notou o distincto redactor do *Jornal do Commercio*, as suas gravuras «representam um progresso immenso, n'um paiz em que a xylographia era quasi inteiramente desconhecida.» Ora, como não ignoram os dignos redactores das *Gazetas de Noticias e da Tarde*, a xylographia é um poderoso agente da instrucção popular, é a democracia na arte, a que põe ao alcance de todas as classes a cópia das mais bellas obras-primas; e conseguintemente a sua introdução e desenvolvimento têm direito a algumas palavras ao meos de animação por parte daquelles a quem incumbe a missão de amparar tudo quanto se destina ao bem publico.

F. F.



O descobridor da America não nasceu em Genova, como geralmente se crê, mas sim na *republica de Genova*, conforme elle mesmo declara no ante-rosto de um breviario que lhe havia dado o papa Alexandre VI, e que leu á sua patria—*a republica de Genova*.

A recente descoberta do lançamento do seu baptismo esclareceu completamente a questão.

Foi na povoação de Calvi, na Corsega, que fazia então parte daquella republica, que nasceu e foi baptizado este grande homem, pois reza o referido documento: «Christovão, filho de Domenico Colombo e Susana Rosa Fortuna, da povoação de Calvi.»



POMPAS FUNEBRES EM MINAS

Uma das provincias que maior ostentação fez da sua fortuna e prosperidade, a tr'ora, foi a de Minas Geraes. Contam-se casos a tal respeito, que, por tão faustos chegam a parecer exagerados, quando ali se póde dar pleno credito desde que se considere que as explorações auríferas, durante período colonial, foram tão productivas que só a corôa portugueza absorveu, de quintos e outras taxas, 500.000:000\$000.

A grandeza de algumas cidades de Minas então, só póde ser comparada por antithese com a actual decadencia, e em algumas a miseria. A exploração das minas de ouro produziu fortunas enormes, mas como em taes casos sóe acontecer todas essas fortunas desapareceram nas mãos de herdeiros inhabeis,

que não souberam sequer conservá-las senão em constante pé de prosperidade, pelo menos em boa guarda.

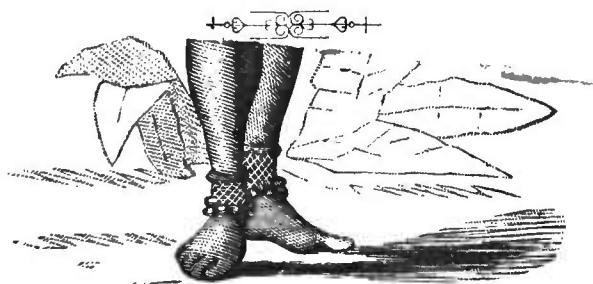
Francisco Xavier de Salles, natural do lugar denominado Carrancas, dedicando-se á mineração do ouro, tornou-se um dos homens mais opulentos de seu tempo; por serviços prestados ao Estado obteve a patente de tenente-coronel de milicias e o habito da ordem de Christo, o que naquelles tempos era mais que seria hoje um viscondado.

Fallecendo em 1814 este prestante cidadão, na verdade muito caritativo e philanthropico, foi o seu corpo embalsamado ou antes salgado por dous cirurgiões do lugar, que o encerraram em um grande caixão de madeira grossa, envolto em espessas camadas de sal. Depositado na igreja de Nossa Senhora das Dores, da Campanha, por espaço de quatro dias ahi se lhe celebraram pomposas exequias.

No quinto dia, tendo chegado toda a milicia de Baependy, Tres Pontas e Pouso Alegre, o conduziram á igreja do Rosario da mesma cidade da Campanha, onde o aguardava um sumptuoso catafalco; collocado sobre elle, ahi ficou oito dias, durante os quaes se celebraram ainda novas e cada vez mais pomposas exequias.

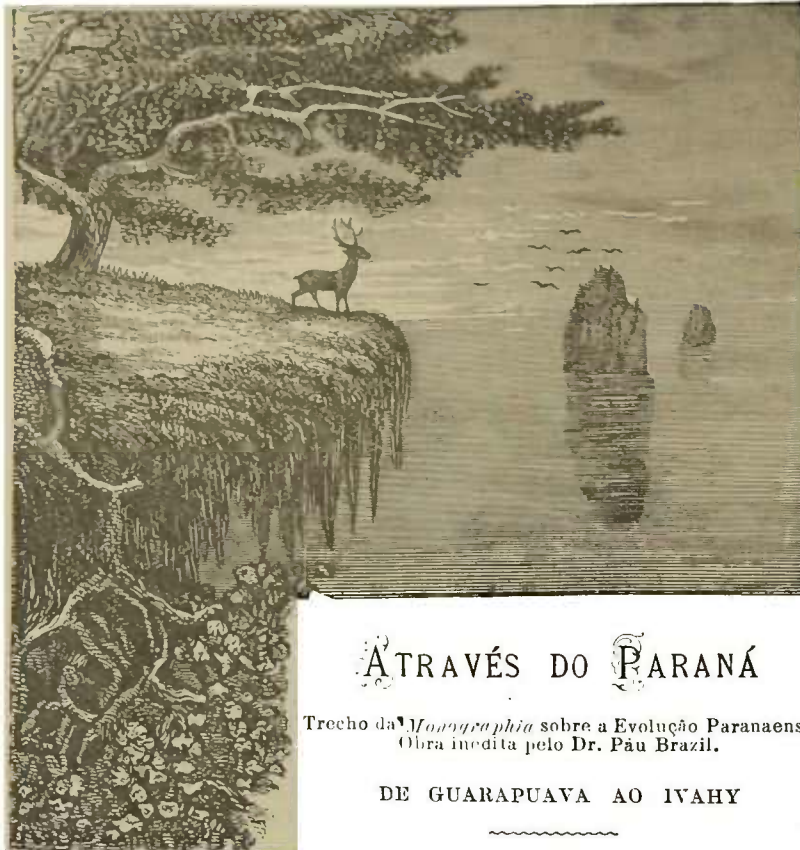
Reforçada aquella milicia com a de Lavras, Ayouruoca, Caldas e Jaguary, volveu de novo o corpo á igreja de Nossa Senhora das Dores, acompanhado por um verdadeiro pé de exercito; e ahi, finalmente, foi dado á sepultura ao som de musicas funebres e ao troar de toda essa fuzilaria.

E tudo isto por um simples tenente-coronel de milicias!



INDIO UAUPÉ

por uma grande cheia, concorda com o lugar que descobri na costa do Parú, entre Jamundá e Trombetas, que denominei *tauaquera das Amazonas*, porque ahi, segundo a historia, Orellana vio as Amazonas. Essa *tauaquera* só apparece em occasião de grande vasante, é uma ilha ou península, devorada pelas aguas do Amazonas, onde ainda se encontram os vestigios de aldêas pelos innumerables fragmentos de louça, machados de pedra, etc.



ÁTRAVÉS DO PARANÁ

Trecho da *Monographia* sobre a Evolução Paranaense
Obra inédita pelo Dr. Páu Brazil.

DE GUARAPUAVA AO IVAHY

Na vespera, no dia 25 de Janeiro de 1884, eu havia combinado sobre os detalhes desta arriscada jornada com o Sr. Delfino, um sujeito quarentão, de estatura regular, magro, barba e cabellos ruivos, olhos azues, tez branca, mas tostada pelas soalheiras dos pampas paranaenses. Vestia ellê um *costume* sertanejo feito de lã grosseira.

Moralmente, o nosso homem era sisudo, taciturno, fallando por monosyllabos, grave, austero, rhythmico, methodico e cadenciado, como são os *incultos* do *Gabinete*.

Si se tencionava levantar uma construção de cunho artistico como é incontestavelmente a do Gabinete, porque não se procurou melhor localidade, quando até a ultima hora, ao lançar-se a pedra fundamental, em 1882, ainda se poderia obter terreno mais bem localizado, como, por exemplo, na praça da Constituição, onde hoje se acha o theatrinho do Príncipe Imperial? Não é hoje que se reconhece o erro que deve ser remediado á custa da regularidade de uma propriedade do Estado.

Razão não menos ponderavel para não aceitação de semelhante alvitre, nos parece a da importancia do monumento artisticamente considerado: é um bello edificio vistoso e principalmente attrahentissimo pela pouca vulgaridade entre nós do esty

de pequenos barris quasi cheios de cachaca; que eu travei o conhecimento de tão singular personagem, em casa de um seu parente, no povoado da Mangueirinha, no municipio de Palmas.

Voltava então o Sr. Delfino de sua longinqua excursão até o Nono-hay, na fronteira do Rio Grande do Sul com a provincia do Paraná. Fizera máo negocio e recolhia-se aos bastidores, pousando successivamente em Belém de Guarapuava e em Therezina.

Lá, naquella cidade, cuja magnifica posição domina os afamados campos guarapuavanos, foi que o nosso excêntrico tropeiro, sciente dos meus planos de ir visitar esta ex-colônia, offereceu-se espontaneamente para ser o meu *cicerone* em tão ousada excursão através das sertanias im-

possiveis do valle do Ivahy.

Na manhã seguinte, 26 de Janeiro, ás seis horas, partimos, o Sr. Delfino, eu e os nossos dous camaradas, todos montados em boas cavalgadas e levando á nossa frente um reforço de cavallos de sella, além da tropa de burros carregados, do meu silencioso guia.

O ceu era de um azul puro admiravel.

O sol começava a elevar-se acima da orla circular da campanha, que ondeava atraz de nós, inundada de luz e coalhada de rezes, que se retouçavam na gramma umedecida pelo orvalho de uma noite de verão, no alto das *cochilhas* verdejantes.

Diante de nós erguia-se a floresta densa e gigante as *araucarias*, assim como um exercito phantastico, eternamente immovel, fazendo a sentinella muda ao templo mysterioso e sombrio da natureza.

A atmospheria, após o resfriamento nocturno, começava a vibrar com os primeiros raios do calor solar, e estava toda perfumada com as exhalações aromaticas das flores agrestes.

Cantavam o hymno matinal as aves, nos bosques dos arvoredos.

E as brandas virações, que sopravam, animam as suas vozes áquella *symphonia* de sons e de côres; quando as montanhas agitam a coma frondosa e psalmeam na immensidade.

Era ao amanhecer. A estrada apertada e ingreme estendia-se ás nossas vistas, como uma immensa serpente interminavel, ao mesmo tempo attrahente e cheia de traições inesperadas.

Iamos os quatro, quedos na contemplação extatica dessa pagina scintillante, pittoresca e inimitavel do 'grande livro' do Universo.

Caminhámos assim durante longas horas, num silencio apenas interrompido pelo tilitar do cinorro pendente do pescoço da mula madrinheira, a qual abria o longo prestito por entre os espinheiros encurvados sobre a velha senda esburacada e má, e evitando os troncos de arvores abatidos pelo furor das tempestades.

A's 11 horas parámos para almoçar, e, durante o intervallo, fazer descansarem os animaes.

Tinhamos já satisfeito os nossos estomagos, mastigando um pouco de feijão e xarque; quando eu e o meu camarada, de nome Justino, resolvemos proseguir em nossa viagem apenas encetada.

Esqueciamo-nos, porém, de que o dia era sabbado. Ora o nosso excentrico *cicerone*, um leitor assiduo da *Biblia*, já estava com o famoso livro em punho e recitava uns tercetos muito edificantes, mas extemporaneos.

Em vão, tentámos convencer o original Sr. Delfino, o qual obstinava-se em pousar no velho paiol desabrigado, onde parámos um momento; que melhor era aproveitar o resto do dia viajando até encontrar-se um abrigo em casa habitada, do que ficar rezando numa especie de choça deserta e exposta ás feras bravias do sertão Ivahyense, afamado pelos seus tigres e serpes venenosas.

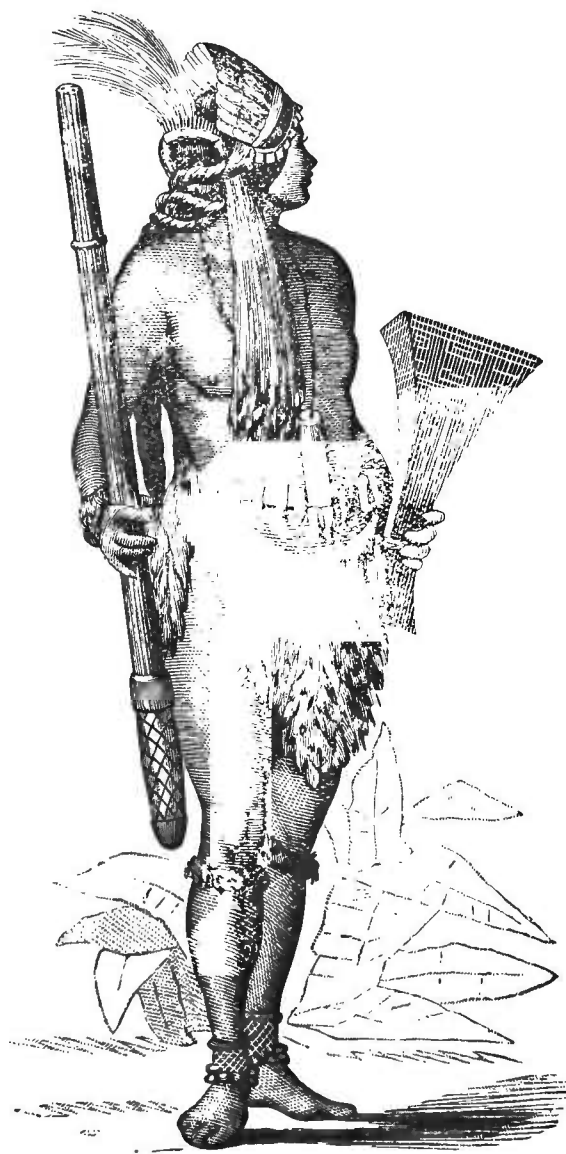
Impossivel. Tudo foi baldado e inutil, até o meu pedido instante, exigindo o cumprimento da palavra dada de ser o Sr. Delfino o meu guia numa floresta, onde as picadas de cargueiros multiplas e enviezadas mais assemelhavam-se a trilhos de antas do que a caminhos de gente civilisada. Simplesmente unico, o novo converso continuava imperturbavel, mergulhado em uma meditação mystica; enquanto os burros pastavam afastados e nós arrejavamos os nossos cavalloos soffregos de trotar.

Afinal despedimo-nos seccamente e apartámo-nos, enveredando eu e o Justino pelo desconhecido, que se apresentava a nossos olhos.

(Continúa.)

TRIBU DOS UAUPÉS

Para mim esta é a celebre tribu, conhecida na historia pela das Amazonas, encontrada por Francisco Orellana. A tradição existente entre os Uaupés, hoje habitantes do Alto Rio-Negro, de que outr'ora habitaram as margens do Amazonas, deixando-o obrigados



INDIO UAUPÉ

por uma grande cheia, concorda com o lugar que descobri na costa do Parú, entre Jamundá e Trombetas, que denominei *tauaquera das Amazonas*, porque ahi, segundo a historia, Orellana vio as Amazonas. Essa *tauaquera* só apparece em occasião de grande vasante, é uma ilha ou península, devorada pelas aguas do Amazonas, onde ainda se encontram os vestigios de aldêas pelos innumerables fragmentos de louça, machados de pedra, etc.

Se a historia e a tradição não falham, ali foi a aldêa das Amazonas, porque lá encontrei os *muirakitans* e fragmentos da rocha de que são feitos, assim como tambem ali foi achado o *idolo amazonico*.

As Amazonas usavam e fabricavam a *pedra verde*. Entre os vestigios de povoação ha provas de que sua população usava tambem e fabricava aquella pedra. No meio dos *muirakitans* de jade, jadeite e chloromelanite, encontram-se tambem os de quartzo, iguaes aos que ainda hoje usam os Uaupés, como signal de distincção: por conseguinte a tribu que emigrou, que usa o *muirakitan* ainda hoje, é a pretendida das Amazonas, que se dirige para o Rio-Negro, o que concorda com a sua marcha dada pela historia. Ainda uma

prova de que os Uaupés são as antigas Amazonas é a seguinte:

Além de conduzirem as mulheres aos combates, os homens têm um aspecto afeminado, o que, unido ao uso de trazerem os cabellos divididos na frente e depois trançados dá-lhes a feição de mulheres.

Um moço vestido será tomado pelo mais atilado por uma mulher, tal é o aspecto que lhe dá o uso do penteado. É a unica tribu que utiliza-se do pente, já para se pentear, já para prender as tranças. Junto dou aqui a cópia do *croquis* de um Uaupé da maloca Tracuá-tyba, com seus ornatos festivos, empunhando um *cuidaru* e um *kuraby*.

J. BARBOSA RODRIGUES.

SCIENCIA NO LAR

SEGUNDA LIÇÃO

Vimos, querida menina, que é pura ignorancia, mesmo de pessoas mais esclarecidas, chamar *flôr* aos envolveros coloridos, cheios de taes encantos que attrahem a vista e convidam o olfacto.

É erro analogo áquelle que faz-nos empregar constantemente as expressões *levantar ou nascer do sol* e *ocaso ou pôr do sol*, quando sabemos perfeitamente que esse astro é immovel no centro do systema planetario.

As partes das plantas, á que acima alludimos, e que dissemos prender a nossa attenção por vistosas, na época da floraescencia são: o calice, a corolla, as bractees, etc. Para o botanico, taes partes são accessorias, podendo a flôr existir sem ellas.

Os principaes orgãos, que constituem a flôr propriamente dita, são pequenos corpos collocados—em geral—no centro do calice e da corolla, encarregados da formação do fructo e da reproducção de outro vegetal semelhante áquelle que os produz.

Um destes orgãos é o *pistillo* ou *gynecéo*, orgão essencialmente feminino; os que o cercam, na maior parte dos casos, são chamados *estames*, o seu todo *androcéo*, isto é, orgãos essencialmente masculinos.

O *pistillo* chamou-se tambem *orgão germinifero*, porque contém o germen do fructo e da nova planta: o estame, *orgão pollinico*, porque nelle se encontra um pó amarello fecundante, chamado *pollen*. Os orgãos femininos são ás vezes designados pelo nome de *carpellas*.

Algumas flôres apresentam unicamente *pistillos*,—outras, estames: são chamadas *dioicas*, significando que a flôr completa habita duas plantas;—várias outras, na mesma planta, têm os sexos separados, e chamam-se *monoicas*; em muitas outras, finalmente, e assim me exprimo porque é o caso mais commum, a flôr contém ao mesmo tempo *pistillos* e *estames*, e chamam-n'a *hermaphrodita*, o que significa macho e femea ao mesmo tempo.

Flôres completas são as que offerecem, do centro para a circumferencia: orgãos principaes, o *pistillo* e os *estames*,—e orgãos accessorios ou envolveros floraes, a corolla e o calice.

A menina terá sem duvida notado que certas e determinadas flôres acham-se—póde dizer-se—colladas ou rentes aos ramos, como—por exemplo—a do cambucáeiro, ao passo que outras têm um *pé* mais ou menos comprido, como as violetas, as rosas, etc. As primeiras chamam-se *sessis*,—as outras, *pedunculadas*.

A parte superior do pedunculo dilata-se, e a essa dilatação dá-se o nome de *receptaculo*.

Insistindo nestes pormenores, mais não faço de que procurar com que fiquem bem gravadas, e claramente, na memoria da menina, as primeiras noções, de modo a mais tarde—quando entrarmos em materia complicada—não encontrar embaraços.

PISTILLOS.—Como sabe-o já a minha interessante discipula, ao conjuncto das *carpellas*

ou *pistillos* dá-se o nome de gynecêo, e occupa quasi sempre o centro da flôr.

O numero de pistillos é variavel, — as mais das vezes tem um, e outras muitos. Na maioria dos casos o gynecêo separa-se do androcêo por um disco, ou por qualquer outro meio.

Quando o pistillo é unico, como acontece —por exemplo—no lirio (*Liliaceas*), serve de terminação ao caule do ramo ou da haste.

Quando ha muitos pistillos, fixam-se estes em um prolongamento do receptaculo, que augmenta às vezes consideravelmente de volume, e torna-se succulento e polposo, como no morango (*Fragaria sativa*), *Rosaceas*.

O pistillo compõe-se de tres partes: ovario, estylo e estygma.

O ovario occupa a parte inferior do pistillo, —desenvolvido, constitue o fructo. Havendo muitos pistillos, os ovarios collam-se uns aos outros, deixando entre si sulcos ou paredes de separação, como se vê no fructo do nosso arcerio (*Hura crepitans*), *Euphorbiaceas*.

O estylo é o prolongamento delgado e filiforme, com cujas divisões corresponde em numero. Não é orgão essencial, tanto que falta a muitas flôres. Neste caso o estygma é sessil no ovario.

Estygma é a parte superior e terminal do pistillo. Apresenta muitas fórmas: é achatado, como no urucú (*Bixa orellana*) *Bixaceas*,—duplo e curvo, como no cravo (*Dianthus caryophyllus*), *Caryophylleas*;—offerece tres divisões, como no maracujá (*Passiflora*), —ou no chá (*Thea sinensis*), *Ternstræmiaceas*, etc.

DR. PIRES DE ALMEIDA.



A freguezia de S. Gonçalo, da provincia do Rio de Janeiro, completa brevemente 240 annos de existencia.

Um certo Gonçalo Gonçalves, tendo alcançado uma sesmaria á margem esquerda de Guaxindiba, mandou alli edificar uma igreja dedicada a S. Gonçalo de Amarante, a qual foi elevada a parochia por alvará de 10 de Fevereiro de 1647, tendo por filiaes Nossa Senhora da Luz, do campo de Itaoca; S. Francisco, da povoação de *Quibango*, e Nossa Senhora da Esperança, na *Phiba Pequena*.

Jaz esta povoação em um sitio aprazivel, ao pé de um monte, por onde passa a estrada publica. Confina com Itambi e Itaborahy, do lado do norte; Maricá, ao léste; Nictheroy, ao sul; ao oeste banham as aguas da bahia, povoada de algumas ilhas.



O PROPHETA

Desde remotos tempos conhecem os fluminenses o significado desta palavra: —o *propheta*.

Nas boas épocas em que o Sr. visconde de Mauá era simplesmente—o Irineu—e o canal do Mangue existia na doce paz dos creados, apresentou-se ao publico, sempre respeitavel, o nosso famigerado herôe.

Naquellas priscas éras o propheta trajava blusa de gola encarnada e calça de algodão azul, e trazia o chapéo de lado, e á marinheira, na cópa do qual lia-se a palavra *gaz!*

Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.

A democracia, confundindo todas as classes sociaes, começou a imperar no paiz das araras, como está imperando na terra dos *canards...*

O propheta modificou seus trages e começou a disfarçar-se com a multidão: unicamente trazia ao hombro uma escada vermelha e a lanterna á mão. Sobre a blusa de gola rezou o *De-profundis*, e substituiu o antigo chapéo de oleado por um elegante bonet, tambem de oleado, e desta vez sem o distico.

Ao bater das trindades, á hora em que, antigamente, os « morcegos » sahiam das *tócas*, para eterna tranquillidade dos gatunos, o nosso herôe desponta no horisonte... do Mangue, munido de um vara-páo, em cuja extremidade está um accendedor.

E lá vem elle, o antipoda das trévas, o creador das chammas nos lampeões das ruas, a correr, a correr, deixando atraz de si, pelo magico poder do vara-páo, myriades de astros rutilantes.



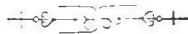
O PROPHETA

E' caso para se dizer, parodiando o distico do gazometro :

Ex typo dare lucem.

E não só dá luz, como é capaz de fazer dar à luz.

THADEU.



DIVERSÕES DE SALÃO

Tirar o collete sem tirar o paletó

A' primeira vista parece isto uma magica, no entanto é a coisa mais facil deste mundo.

Antes do mais, cumpre desabotoar o collete e o paletó. Manda tambem a prudencia que se tire o relógio. Para o rapido exito quanto mais larga for a cava do collete tanto melhor.

Conforme vemos na primeira figura, começa-se por fazer passar uma aba do paletó por dentro da cava do collete, que fique do mesmo lado; e assim se consegue pôr por cima do paletó uma parte do collete.

Então introduz-se o braço, que fica desse lado, pela cava, como apresenta a segunda figura, e por um movimento rotativo tira-se assim metade do collete. Esta parte da operação é a mais difficil.

A terceira figura já apresenta metade do collete completamente livre, e pela quarta vê-se que temos de

repetir a primeira operação: — passar a outra aba do paletó pela outra cava da collete.

Feito isto, repete-se o tal movimento do braço rotativo pela cava presa, como apresenta a quinta figura, e assim se consegue, conforme indica a sexta, soltar de todo o collete; tiral-o com a frescura com que o está fazendo a sétima figura para dizer, como parece estar dizendo a oitava: — E que tal?

